

# REVISTA DE EDUCAÇÃO

VICTÓRIA ESPIRITO SANTO

So' pela Educação se pode ar  
a pujança de um povo



Publicação a cargo do  
Serviço de Cooperação e  
Extensão Cultural — De-  
partamento de Educação.

N. 22 - MARÇO DE 1936

# SUMMARIO

COLONIAS DE FERIAS — *Claudionor Ribeiro*, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

O PROFESSOR E A CRIANÇA — *C. Jinarajadasa*, (Magister Artibus) pela Universidade de Cambridge antigo Vice-Presidente da Sociedade Theosophica — 1927-28.

COMENIUS — *Maria Leonidia Pereira dos Santos*, do Curso de Adaptação Anexo à Escola Normal "Pedro II", desta Capital.

EXAMES DE ADMISSÃO — *Deusdedit Baptista*, Lente da Escola Normal "Muniz Freire", de Cachoeiro de Itapemirim.

A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO — *Irene Mattos de Azevedo*, Grupo Escolar "Vasco Coutinho", de Villa Velha.

UMA AULA DE GEOGRAPHIA — *Néa Morgade de Miranda*, professora do Grupo Escolar "Marcondes de Souza", de Muquém.

VELHO COQUEIRO — *Barreto Filho*.

MALHADO — De *Aurelio Pinheiro*.

CLUBE AGRICOLA ESCOLAR — Departamento de Educação.

CINE-RADIO ESCOLAR — Por *Claudionor Ribeiro*, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL — Actividades da Secção de Cooperação Intellectual da União Pan-Americana 1933-34.

SOCIEDADE DOS AMIGOS DE ALBERTO TORRES — Relatório apresentado pelo sr. Raul de Paula, Secretario Geral S.A.A.T.

BIBLIOGRAPHIA PEDAGOGICA — Por *Claudionor Ribeiro*, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

NOTAS E INFORMAÇÕES

# O PROFESSOR E A CRIANÇA

C. JINARAJADASA

(Magister in Artibus pela Universidade de Cambridge  
antigo Vice-Presidente da Sociedade Theosophica — 1927-28)

*Conferencia pronunciada no Instituto de  
Educação, do Districto Federal, a 10 de maio  
de 1934.*

Trez razões me assistem para agora vos dirigir a palavra sobre um thema educacional. Primeiro que tudo, o facto de haver eu sido tambem professor e conhecer assim quão ardua é a profissão do magisterio; alem disto, acho-me intimamente ligado á direcção de escolas primarias, secundarias e superiores na India e assim estou em contacto com os professores e os seus problemas. Mas a terceira razão é a melhor de todas é o amor que tenho ás crianças. Ellas sempre me inspiram e de modo profundo. Quando sinto esgotadas as energias na batalha da vida e nada me traz inspiração, eu vou ter com as crianças — nos parques e nas ruas — e contemplo-lhes os semblantes. Ellas me abrem o reservatorio interior das energias e eu me sinto de novo saturado de forças para renovar a lucta. Por isso mesmo, tudo quanto affecta a vida das crianças é do maior interesse para mim. Mais ainda: considero do meu dever auxiliar as crianças a alcançar em suas vidas um exito maior do que o que eu possa ter alcançado. Ando a proclamar constantemente grandes ideais de vida — mas, nós, os mais edosos, nelles apenas parcialmente podemos ter exito. As crianças de hoje, porem, alcançarão pleno exito, se forem guiadas de modo adequado. E' por isso que o problema da Educação é o primeiro problema do Estado.

Estaes por certo ao par de quanto vae sendo descoberto hoje relativamente á psychologia da criança. Os Estados Unidos muito têm feito nesta esphera. Ainda agora acaba de ser publicada a segunda edição de um grande livro de novecentas e cincoenta e seis paginas, intitulado "*Manual de Psychologia Infantil*". Não tenho duvida de que todo professor muito ganhará com sua leitura; mas, penso que a mais brilhante affirmativa que nelle se contém é a de uma professora que diz: "Demasiado tem sido o trabalho que a respeito destes problemas tem sido feito com o papel e as machinas de calcular, demasiado pequeno o realizado com os seres humanos!"

Nessa affirmativa encontramos o amago, o ponto essencial do nosso thema; porque a creança não é somente um feixe de reacções psychicas, é acima de tudo um ser humano que deve ser amado.

Foi esse principio fundamental da educação — o de que a creança é um ser humano que deve ser amado — a norma orientadora de Pestalozzi, o Pae da Educação Moderna. Não sei quantos de vós tereis lido a vida de Pestalozzi; se a tiverdes lido, tereis notado que o que o inspirava em seu trabalho era a compaixão que sentia pelo abandono em que viviam as creanças. Elle reunia a seu redor as creanças pobres, que eram quasi tratadas como animaes e só eram alimentadas porque, quando crescessem, se haviam de tornar trabalhadores uteis nas fainas agricolas. Não se fazia sequer uma tentativa por evocar nestas creanças algum aspecto mais alto da intelligencia. Pestalozzi levava as creanças para o seu lar; com o dinheiro que obtinha de pessoas bem intencionadas, elle vestia e alimentava essas creanças; e elle proprio lhes ministrava a instrucção. Irradiava delle o amor pelas creanças. Esforçou-se por compreender a creança, levado pelo amor que lhes tinha, e, com este amor por guia, elle intuitivamente sentiu qual o caminho a seguir, á medida que penetrava o mundo inexplorado da educação da creança.

Esse profundo amor pelas creanças é que o levou a enunciar um principio que eu pessoalmente considero como o primeiro axioma educacional. E' o seguinte: "Se o que ensinaes á creança não lhe alegra a face, então é que lhe estareis ensinando uma cousa errada ou uma cousa certa, mas apresentada de um modo erroneo".

Outro principio que Pestalozzi introduziu foi o de que a instrucção theorica se deve alliar á acção. Tal principio é que veio a originar a ideia dos Jardins da Infancia, com todas as suas actividades que baniram da mente infantil a noção da "escola" como um local de tedio e de castigo. Shakespeare, em um de seus famosos dramas, mostra-nos a creança a dirigir-se, de má vontade, á escola. Hoje, porem, sabemos que se a creança não aspira a ir ao seu Jardim da Infancia é que neste algo deve haver de errado.

Para mim o seguinte progresso realmente grande, no que respeita ao methodo educacional, veio-nos com Madame Maria Montessori. A attitude commum para com a creança vem expressa no dito da mãe americana angustiada e cansada que teria exclamado: "Vá ver o que Tommy está fazendo e diga-lhe tambem que não faça isso". Ainda agora ha difficuldade em desarraigar da consciencia da geração mais velha, nos paizes christãos, a antiga concepção de uma tendencia natural do homem para o peccado; a tristeza em que a doutrina do peccado original envolve a natureza humana ainda é propagada pela velha geração em relação á creança. Por isso se a creança pratica alguma cousa que contrarie a nossa conveniencia, logo concluimos que ella está andando errado. Se, quando dizemos á creança que permaneça quieta ou não faça perguntas, ella

não nos ebedece, não nos occorre indagar se ella não estará agindo da forma mais acertada, de accordo com o seu proprio padrão de conveniencia. Resolvemos o complicado problema da creança com a nossa ordem: "Diga-lhe tambem que não faça isto".

Ora, subjacente ao systema Montessori ha a concepção de que a creança desenvolve as suas faculdades por um processo de experimentação e de que não a ajudamos realmente se nos apressamos em querer auxiliá-la a alcançar com rapidez os resultados visados. Quando uma criancinha se está esforçando por subir a uma cadeira, nosso primeiro movimento todo instinctivo, é de auxiliá-la a subir; não nos occorre que ella se desenvolve sobretudo pelo seu proprio esforço. E' esse principio da auto-educação que vem brilhantemente desenvolvido no methodo Montessori. O exito que se alcança com esse methodo, no despertar as faculdades da creança, pode ser aquilatado pela declaração que ouvi a varios professores das escolas officiaes communs, de que uma creança educada segundo Montessori é em geral um anno e meio mais desenvolvida que as da mesma idade a quem não foi applicado esse methodo.

Um dos maiores progressos no campo educacional será o que resulta da compreensão do que se acha implicito no thema da psychanalyse. Este novo ramo da psychologia faz-nos descobrir muitos estranhos factos da vida. O assumpto é muito vasto, mas a nós só interessa o que a psychanalyse tem a dizer sobre a creança e sobre os paes. Ha varios livros publicados sobre a psychanalyse e a creança ; e todo professor algo deveria conhecer dessa questão, pois muito comportamento estranho das creanças pode ser explicado pela psychanalyse. Resumindo-o em poucas palavras, se tomarmos como padrão a creança normal sã e feliz, então teremos que toda creança que se apresentar differente em sua conducta, estará soffrendo de alguma especie de inibição. Exactamente como, ao olharmos uma creança, vendo-a com a sua bocca constantemente aberta e um pouco lenta de intelligencia, logo sabemos que ella está soffrendo de adenoides; assim tambem, com o auxilio da psychanalyse começamos a compreender a creança de character difficil, na classe e em casa. Na maior parte dos casos essas creanças soffrem sob a acção de um "complexo" — para empregar a palavra technica — em sua mente subconsciente. A creança esquiva e timida, a creança cubiciosa, a creança que furta, a que é cruel ou é sexualmente precoce, todas estas soffrem em consequencia da repressão.

Mais estranho é o facto de muitas vezes essa repressão não se dever á creança e sim aos paes. Onde ha hostilidade entre os paes, ainda que não a revelem perante a creança, esta sempre é affectada pela hostilidade invisivel. Como isto? Quando certas pessoas se sentem em hostilidade uma para com a outra, ellas evitam certos temas. E' com esse proprio facto de evitar certos pontos penosos que os paes cream complexos na creança.

O que a psychanalyse diz dos paes é egualmente verdadeiro quanto aos professores. Se um destes soffre de um complexo, explanará todo assumpto de tal modo que qualquer thema que se approxime da repressão penosa seja desde logo omittido ou obscurecido. O professor que soffre mental ou physicamente desenvolve os seus themas de modo um tanto differente do que o faz aquelle que vive são e contente.

E' neste ponto que nós theosophistas muito temos a dizer. Em varios paizes ha escolas e academias dirigidas por theosophistas, especialmente na India. Ora, um axioma de nosso systema educacional consiste no facto de cada pensamento, bom ou mau, de cada emoção, feliz ou infeliz, quer dos paes quer do professor, ou de quem quer mais que se ache em contacto intimo com a creança, affecta a esta. Melhor ainda me expressaria se dissesse que elle não só affecta, como *infecciona* a creança, exactamente como se dá o contagio nas doenças infecciosas. Pensamos que os nossos pensamentos, nossos sentimentos, ou por outras palavras, nossas disposições de animo, são cousas que só a nós interessam. Mas isto equivale a dizermos, por exemplo, se tivermos um jardim cheio de detricos em torno aos quaes vegetam moscas, que isso só a nós diz respeito pelo facto de ser nosso o jardim. Sabemos que não é assim; é interesse da collectividade que o nosso jardim não seja um centro de infecção. Exactamente desse modo, os nossos pensamentos infeccionam os outros, e os influenciam seja para o bem ou para o mal. E especialmente ás creanças, porque o seu subconsciente é mais sensivel que o de uma pessoa adulta.

Assim, o professor não só deve possuir o conhecimento e a experiencia que a Escola Normal proporciona, mas tambem um character que auxilie a creança. Referi-me já a un a alentada obra que tem por titulo "Manual de Psychologia Infantil". Mas precisariamos tambem de um outro manual, de um "Manual da Psychologia do Professor". Antes de a um estudante ser permittido adiantar-se muito em seus estudos em uma Escola Normal, deveria elle ser examinado por uma commissão de mães, que decidisse se algum defeito de character o impedia ou não de se tornar um professor. Deveria ser considerado como o maior dos privilegios, como uma das maiores dádivas do patriotismo, o ser posto em contacto com creanças, seja como pae ou mãe ou como professor. E ha alguns dentre estes que parecem inteiramente incapazes de compreender o alcance desse privilegio. Eu desejaria vêr escripto nas paredes de cada Escola Normal o seguinte: "Aquelle que não sabe como amar, não pode ter exito como professor".

Não é difficil de entender-se que a influencia das disposições de animo do professor sejam claramente um factor do desenvolvimento da compreensão na creança. Mas penso que não será facil á maioria dentre vós compreender que os objectos inanimados que rodeiam a creança, no lar e na escola, a influenciam tambem.

Quem imaginaria que a forma da sala de aula, a cor de suas paredes, as carteiras e os assentos, que tudo isso exerce uma influencia sobre a creança? Entretanto, tudo, todos os objectos animados ou inanimados, affectam a nossa imaginação. Sabemos como, se ao entrarmos numa sala alli encontramos sobre a mesa uma flôr que seja bella, uma emoção subtil nos percorre todos. Sei que em uma sala que é artistica, em razão da qualidade musical que nella reside, pela harmonia de sua altura, cumprimento e largura, ha um frescor, um refrigerio espiritual, que muito auxilia. Nós, adultos, podemos perceber conscientemente essas reacções subtis; as creanças não lhes são menos sensiveis, embora o sejam inconscientemente.

E' da maior importancia que tudo o que a creança veja, ouça ou toque, tenha em si uma qualidade de belleza. Tudo, na sala de aula, deveria ficar situada em meio a um lindo jardim e a creança deveria sentir por todos os lados, ao seu redor, um ar de belleza. Vou dizer-vos porque a Belleza é tão essencial á educação.

(Qual é o vosso objectivo verdadeiro ao instruir a creança? Não é encher-lhe a mente de factos; é fazel-a compreender a vida como um grande processo em que um dia terá que desempenhar o seu papel, como um creador. O objectivo da educação é dar a compreensão do sentido interno da vida. Agora, em nossos presentes methodos, nas escolas como nas academias, apenas appellamos para a mente das creanças e jovens. Não sabemos que a creança possui outras faculdades de compreensão. Mas, ella as possui; possui uma outra faculdade, e maior ainda, no que respeita á educação. E' a sua intuição. Se somente pudessemos appellar para a sua intuição, a creança poria em acção uma nova faculdade que tornaria o processo de prender muito mais rápido. Ha uma historia relativa a uma creança na California que bem illustra este ponto. A professora explanava repetidamente um ponto difficil, na esperança de o deixar bem claro; então uma das creanças exclamou: "Professora, porque está falando tanto? Nós já compreendemos". Porque as creanças em uma região como a California se estão tornando intuitivas; o proprio sol da California trabalha-lhes a imaginação.

Ora, aqui no Brasil ha algo dos mesmos effeitos de luz, do calor e vegetação tropical e sub-tropical, que são factores no crescimento da creança. Alem disto, estaes construindo, no Brasil, uma nova raça, que é diversa da raça portugueza, de que derivais vossas tradições culturaes. A creança brasileira já provaveimente differe da creança portugueza sob muitos aspectos; será ainda mais differente á medida que a raça brasileira sempre mais claramente manifeste as suas características.

As creanças do novo mundo, isto é da America do Sul, do Norte e do Centro, se estão tornando sensitivas á intuição. A faculdade intuitiva reside em nós todos, mas não estamos acostumados ás

suas manifestações. Alcançamos a verdade através de nossa mente; não sabemos que ha tambem um outro caminho. No emtanto, este existe e é o da intuição. Quão pouco compreendido é ainda esse methodo, mostra-o o facto de até aqui somente dous philosophos modernos o haverem discutido; são elles, o francez Bergson e o italiano De Croce ,ambos pertencentes á raça latina. E'-me impossivel aqui explanar tudo a respeito da intuição; mas de uma cousa eu estou inteiramente certo e é de que o novo progresso do methodo educacional consistirá em tornar a creança intuitiva. Quando uma creança fôr intuitiva, ella aprenderá rapidamente por meio de noções geraes.

A creança brasileira, por isso, deve ser educada de modo diverso da creança portugueza, espanhola, italiana ou franceza; primeiro por pertencer a uma nova raça, e, depois, por estar apta a manifestar essa nova faculdade da intuição. Ora, ha uma estreita relação entre a belleza e a intuição. Tornae uma creança sensivel á belleza e ella lentamente se tornará mais e mais intuitiva. E' por isso que tanto accentuei a necessidade da belleza na educação da creança.

E' justo que, como professores, procureis manter-vos bem informados das ultimas experiencias educacionaes. Mas não as deveis copiar cegamente. E' verdade que a natureza infantil é quasi inteiramente a mesma; por toda a parte; ha entretanto differenças entre as creanças brasileiras e as inglezas ou hindus. Deveis, no Brasil, estudar a creança brasileira, qual ella é actualmente e qual ella deve ser. A primeira, a creança brasileira qual ella é, podeis descobrir-a estudando cuidadosamente vossas creanças; mas, a ultima, a creança brasileira qual ella deve ser, somente podereis conhecê-la se tiverdes uma ideia clara do que o Brasil ha de ser. A educação da creança deve ser orientada por dous factores: *primeiro*, o seu temperamento individual, e, *depois*, a sua relação, como unidade que é, com o todo de que é parte. Todo menino ou menina nascidos no Brasil não só devem compreender como ser felizes, mas tambem como fazer os outros felizes.

Deveis, por isso, formar uma ideia do que seja o caracter brasileiro ideal e depois auxiliar a creança, a amoldar-se, tanto na escola como depois da escola, a esse ideal. Este depende muito do papel que o Brasil deva desempenhar nos negocios do mundo. Desejaes ser uma raça imperialista, aspirando a subjugar outras raças? Então, o vosso brasileiro ideal deve ser modelado de accordo com esse typo de grandeza nacional. Sei que vossa Constituição prohibe as guerras de conquista; mas, como tambem sabeis, neste momento a Constituição pode ser mudada. Por outro lado, se vos quizerdes distinguir como nação pelos vossos sentimentos de fraternidade e de affeição ou pela sensibilidade artistica, tereis de modelar, com os vossos programmas escolares o caracter da creança, de maneira inteiramente differente. Deixae-me illustrar este facto — o de que a educação, até certo ponto, deve associar-se ao trabalho da nação.



Cerca de um seculo atraz, houve na Inglaterra uma notavel mudança nas escolas em que se instruiam os meninos das classes mais ricas. A educação das meninas muito pouco entrava em linha de conta nessa epoca. Esse plano educacional para as classes mais ricas era por meio das escolas ainda hoje denominadas "publicas", embora sejam, curiosamente, o mais caro e dispendioso systema educacional, que não é nada para o publico e sim somente para o rico. Ora, na Inglaterra em virtude das leis que estabelecem a primogenitura, os filhos segundos de cada familia, depois de educados em uma "escola publica" tem que deixar a familia para construir os seus proprios lares. Assim como os pequenos passaros são impellidos para fóra do ninho, chegado o tempo, assim o jovem inglez tinha que partir para os territorios recentemente adquiridos pela Grã Bretanha na Asia, na Africa, Australia e Canadá. Alli elle tinha que luctar contra um meio cheio de difficuldades; muitas vezes elle tinha que ser como uma pequena ilha branca, rodeada, de um oceano escuro. Podia ser forçado a ser um governante, um administrador, chamado a exercer sua autoridade sobre milhares de pessôas. Por outras palavras, elle apenas podia ter exito na vida e fazer fortuna, como um imperialista, como um aventureiro colonial. Naturalmente, por isso, a educação do menino que cursava a "escola publica" era dirigida para um objectivo definido. Era considerado necessario que o menino fosse rude e não um "alfenin"; esta foi a razão de se terem os jogos tornado compulsorios nas escolas publicas inglezas e por isso tambem varias formas de brutalidade, commettidas pelos meninos maiores contra os de menor idade, não eram castigadas. Os melhores aspectos do alumno dessa escola publica são assim descriptos por um escriptor inglez: "Estar sempre prompto a acceitar o que é aspero como o que é suave; a trabalhar bem e a brincar bem; a sorrir animosamente quando as cousas correm mal, não ficando de cabeça inchada se acaso correm bem; a permanecer de pé por si mesmo, como um homensinho e a executar o que lhe compete, seja ou não agradavel, sem fazer deste facto uma epopéa.

Ora, ha muito nisto que é admiravel e que pode ser aproveitado no Brasil. Mas mesmo esse typo de educação para os jovens inglezes, já não é um exito hoje. Não ha mais territorio que possam conquistar e as raças escuras que ellas governavam, querem hoje governar-se a si mesmas. Notae especialmente que nessa descripção do alumno das escolas publicas inglezas, não ha uma palavra que se refira á mente aberta ás ideias, ou á sensibilidade artistica, ou ao desenvolvimento da imaginação. E dessa omissão resulta de modo patente o facto de não mais a Inglaterra controlar os mercados mundiaes. Porque os homens de negocios inglezes não modificam os seus methodos para se adaptarem ás conveniencias das outras nações. Por exemplo, elles ainda hoje fazem pouco do systema metrico e medem as suas mercadorias em jardas e libras e usam um systema monetario que causa difficuldades a todos os que adoptaram o systema decimal. Assim pois, não servirá ao Brasil a adopção de

tudo o que caracteriza o systema inglez, nem o de qualquer outro systema estrangeiro. Deveis, no Brasil, crear o vosso proprio systema; mas para isto deveis ter uma visão do que ha de ser o Brasil no futuro. Quem, dentre os vossos grandes homens, dentre os vossos poetas, vos dará essa visão?

Eu apenas vos posso dizer um facto que deveis tomar em conta como um factor em vossa educação: tendes no Brasil as mais bellas creanças do mundo.

Um problema de grande difficuldade é como despertar na creança um fervoroso amor pelo seu paiz e pelo seu povo, sem despertar ao mesmo tempo uma aversão ou desprezo pelas outras nações e povos. Sou um crente entusiasta no internacionalismo e encontro-me profundamente convicto do principio subjacente á Liga das Nações, ou seja de que cada nação deve sacrificar algo para trabalhar em harmonia com as demais em prol da Paz Mundial. Mas o internacionalismo só é uma força real quando professado por quem ama o seu proprio paiz e por causa deste amor reconhece o que ha de apreciavel nos demais paizes. Um internacionalismo que despreze o patriotismo não nos ajudará a firmar a Paz Universal. E' necessario apresentar á imaginação da creança ideias de heroismo e de auto-sacrificio; ella melhor póde entender taes ideias através de narrativas sobre os heróes de seu paiz. Um fervoroso patriota, dedicado aos verdadeiros interesses de seu paiz e orgulhoso de sua historia, pode tambem ser um crente do internacionalismo. Como fazer da creança um pequeno patriota e ao mesmo tempo um crente no internacionalismo, é um dos mais sérios problemas da educação. São as creanças de hoje que tem que construir as grandes organizações internacionaes, no commercio e na industria, que, poderão regular a competição internacional, de modo a terminar a presente lucta entre o capital e o trabalho, entre as raças brancas e as de côr. As creanças de todos os paizes devem ser patriotas e adeptas do internacionalismo. A questão é apenas: como conseguil-o?

Desejo dizer-vos algumas palavras sobre a carreira do professor, pois que a professores é que me dirijo. A profissão do magisterio é, em alguns paizes, a peor paga; entretanto, nella ha um maior dispendio de força nervosa do que em qualquer outra. Em vossa civilização occidental, o professor occupa uma posição inferior, comparada, por exemplo, com a attribuida ao politico, á estrella do cinema ou ao boxeur. No entanto, repito aqui o que já disse ha annos passados: assim como é o professor, assim é a creança; assim como é a creança é o Estado. E' o professor que crea a nação e não os seus politicos ou generaes. Como referi no inicio, a Educação deveria ser o primeiro interesse do Estado. Lembrae-vos, entretanto, de que se o Estado vos esquece, ha Alguem maior que elle que vos não esquece, não importa que n'Elle acrediteis ou não; Elle conhece o vosso trabalho. Refiro-me ao Fundador de vossa religião, que disse: "Deixae os meninos e não embarceis que elles venham a mim; porque destes taes é o reino dos ceus". (Math., 19,14).

Se é pequena a vossa recompensa terrena pela vossa dedicação como professor; se, quando vos aposentaes são pequenos os vossos vencimentos; pelo menos nos céus as contas serão ajustadas. Participareis muito mais das glórias que Elle tem para todos, muito mais do que os grandes da terra, os ricos, os poderosos, que difficilmente dão um pensamento ao professor.

Por isto sejam quaes forem os desapontamentos que vos sobrevenham, não falheis ás creanças. Fazei do servir ás creanças o vosso ideal, e no Dia do Julgamento comprehendereis com alegria a verdade do que Elle disse: O que receber em meu nome um menino, tal como este, a mim é que recebe". (Math., 18,5).

Por ultimo, desejo dizer-vos algo que vos parecerá muito estranho; é a influencia que sobre o professor exerce a creança. Qual poderá ser a influencia da creança sobre o professor, a não ser a de cançal-o ou irrital-o? Essa influencia é maravilhosa e foi uma grande educadora que della me falou. No mez de Dezembro ultimo, quando me encontrava em Londres tive a oportunidade de uma delectosa conversa com Madame Maria Montessori; e ella referiu-me uma descoberta sua a respeito da creança. Fôra algo de imprevisto para ella, embora da maior importancia para a educação. Ella disse-me que notara que os seus professores, á medida que comprehendiam o seu methodo, começavam a mudar não só como professores, mas tambem como seres humanos. Uma mutação subtil era produzida no professor pela creança; ella disse-me que a creança parecia ser como um "piccolo Messia" — é sua a phrase, não minha — e trazer ao professor uma revelação sobre toda a vida. Mas como pode a creança falar-nos dos mysterios da vida? No entanto, ella nos fala; e quando comprehenderdes de que maneira o faz, talvez comprehendaes tambem o que queria dizer o Christo ao affirmar: "Se não vos converterdes e não fizerdes como meninos, não haveis de entrar no reino dos céus". (Math., 18,3).

No systema Montessori, um dos principios é o de que o professor não se deve impor á creança; elle deve observar a creança, deixando de lado todas as theorias sobre educação aprendidas na Escola Normal; deve estudar a creança como esta se fôr revelando, seguir-lhe as proprias reacções e não lhe deve de modo algum dizer: "Faça isso" ou "Não faça aquillo". A' creança deve ser permittido experimentar, fazer experiencias com os aparelhos a isso destinados; e o professor crescerá em conhecimento da sciencia ao estudar a creança e não dirigindo-a.

Ora, esse desapego na observação é um exercicio altamente espirital; a mente, com suas recordações contradictorias de experiencias e theorias a respeito, serena nestes instantes; e durante esse periodo de quietude mental, a intuição do professor começa a manifestar-se. Quando admiraes um pôr de sol ou escutaes uma musica abstracta, como por exemplo uma sonata, não raciocinaes a este

respeito; vossa reacção se faz por meio de um sentimento de maravilha que está para além do pensamento. Então, vós vos aproximaes do reino da intuição.

De maneira semelhante, a professora, seguindo o methodo Montessori, começa a crescer em intuição á medida que executa sua missão. E' a creança — esse "fragmento de manhã, esse botão de primavera", como a descreveu outrora um poeta — que exerce esse notavel influxo sobre a professora. E uma vez desperta a intuição a todas as experiencias da vida. O valor da intuição consiste em vos dizer o que é a vida, *directamente*, sem intermediarios; comprehendes a vida directamente por vós mesmos e não só com o auxilio de uma tradição da verdade, seja a religião ou a sciencia. Não é de espantar assim que toda a attitude do professor mude para com a vida, como o notou Madame Montessori. E toda essa maravilhosa mutação no professor é produzida pela creança. Se o professor ajuda a creança a desenvolver-se, como o sol auxilia o botão a desabrochar em flôr, a creança tambem auxilia o professor a desenvolver-se. Uma orientação completamente nova na educação nos é revelada por Madame Montessori ao proclamar a creança como "um pequeno Messias". Eu faço votos para que breve o vosso Governo venha a convidar Madame Montessori para uma visita ao vosso paiz, de maneira que ella possa inspirar aos professores brasileiros, com as suas brilhantes doutrinas.

Concluirei, lembrando-vos mais uma vez que a vossa profissão é sagrada e que todas as difficuldades que atravessardes e todos os sacrificios que fizerdes serão annotados nos livros dos Céus. Não permittaes que as vicissitudes da vida e especialmente vossas proprias ansiedades e desapontamentos, vos tornem descuidados em vosso trabalho consagrado, como professores. *Sêde leaes com as creanças*: esse é o primeiro e ultimo dever do professor. E vereis então que a creança — "fragmento de manhã, botão de primavera" — vos trará uma primavera sem fim e que, embora decorram os dias, estes sempre terão a frescura da manhã.

# EXAMES DE ADMISSÃO

DEUSDEDIT BAPTISTA

Lente da Escola Normal "Muniz Freire", de Cachoeira  
de Itapemirim

Ha no nosso ensino normal um ponto que inda não tem até agora merecido attenção: E' acerca dos exames de admissão.

Varios são os pontos da questão que merecem ser analysados, mas entre elles surge como principal, o modo de computo das notas para a approvação final. Vamos fallar sobre isto, depois de tocar ainda em outro ponto.

Dizem e commentam achando inviavel a assimilação de todo o manancial requerido na prova de aptidão dos vestibulos da Escola Normal. Discordamos disso porquanto ha tempo bastante em um curso de 2 ou mesmo de 1 anno, para que aquella materia seja digerida. O que é realmente impossivel, é o preparo perfeito de tantas materias em um curso de afogadilho feito durante as ferias, em 2 mezes e até menos. Deste modo o programma só poderá ser dado atabalhoadamente, sem se conseguir uma comprehensão perfeita. Depois, vem a má satisfação para com o preparador ou para com os examinadores, pois geralmente não se quer pensar que o tempo é exiguo para o grande trabalho requerido. E no emtanto ha os 2 annos de Curso de Adaptação.

O ponto capital, fim principal do nosso escripto, é o que vamos referir.

Portuguez e Mathematica, são consideradas materias eliminatórias. E' justo que o devam ser, porque são materias basicas, mas no emtanto não é justa a eliminação do examinando em uma simples prova escripta. Um golpe de sorte, uma confusão natural, o ambiente de exames, o nervosismo inevitavel, tudo pode influir sobre o examinando, levando-o a fazer uma prova má. Embora no exame oral tudo possa tambem acontecer, seria de justiça mais essa

oportunidade, pois todo exame geralmente consta de prova escripta e oral. A media arithmetica das duas poderia ser a nota de approvação. Si em Portuguez o alumno pode mostrar suas aptidões na prova escripta, em Mathematica nem sempre assim se dá.

Embora só as duas materias citadas sejam chamadas eliminatorias, vamos mostrar que as outras tambem o são.

O alumno que não conseguir nota superior a 5 (cinco) nas medias das provas escriptas de oraes de cada uma das outras cadeiras, isto é, Francez, Geographia, Historia, Sciencias e Geometria, perde o direito a continuar os exames; está reprovado. Seria justo que se fizesse com essas materias citadas, como se faz no curso Gymnasial na Faculdade de Direito, sendo a approvação dada pela media arithmetica das notas obtidas em cada uma e na de Desenho. Esta cadeira então é peor ainda, pois que elimina o examinando, tal como Portuguez e Mathematica, tendo como tem, sómente uma prova graphica.

Seja o facto citado, como clamante imparidade.

.....

Como rapidamente ficou dito, podem-se notar as modificações que caberiam, para a mais perfeita ou menos imperfeita applicação de nosso systema de exames.

O ideal seria a modificação em todo o mechanismo de admissão e do proprio curso, adaptando-o aos modernos methodos e systemas de ensino por ser o nosso um tanto archaico, mas, emquanto não se pode ter uma semelhança do Instituto de Educação do Districto Federal, quem sabe si estas linhas cahirão sob os olhos de quem possa se interessar por ellas!!

**E' uma esperanza grande que temos.**

# A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO

IRENE MATTOS DE AZEVEDO  
Do Grupo Escolar "Vasco Coutinho", de Villa Velha

A educação não é só a arte de ministrar conhecimentos uteis, mas sim, a arte de desenvolver physica, moral e intellectualmente a criança.

A escola antiga fugia a este preconceito, que hoje constitue a finalidade da escola moderna.

Os tempos evoluíram. A época presente tem sido um periodo de franco desenvolvimento e actividade. Em toda parte, em todos os recantos do universo, uma aspiração unisona levanta-se de todos os corações: — educar a criança. Mas educar a criança de hoje é preparar o futuro cidadão util á sociedade.

A escola é a continuação do bom lar, é o ingresso na vida pratica. E' uma sociedade em miniatura, um centro harmonioso de actividades e aprendizado.

A educação de nossos dias é bem diversa da dos tempos idos, que não satisfazia as necessidades da vida pratica.

O professor de hoje segue uma orientação educativa scientifica. Estuda o educando á luz da biologia e da sociologia.

Desde o primeiro dia de aula, o professor deve observar o escolar para iniciar o seu trabalho com segurança e perfeita assimilação de seus ensinamentos.

A missão do mestre é uma missão evangelisadora. Ser mestre é desdobrar sua energia em pról da formação integral do homem de amanhã.

22

A criança de hoje tudo possui: A instituição dos Jardins de Infancia, essa feliz criação de Froebel, marcou para a criança uma era de luz e graça.

A Convenção de Genebra dotou á criança direitos inestimaveis. Outros factores de educação vem em favor da criança, taes como: o radio, os gremios escolares, o cinema escolar, etc., que reflectem, com côres vivas, as realidades da vida pratica.

Não é só. Para bem educar o escolar é necessario conhecê-lo. E' necessario que se cuide de sua saude, de seu ambiente, de sua alimentação. E para isso é mister inculcar no espirito do escolar, com convicção, os conhecimentos de hygiene, como base da saude. A criança tem necessidade do conhecimento da transmissão de doenças para que se afaste do mal.

Tres flagellos definham o escolar brasileiro: a tuberculose, a malaria e a verminose.

Desta triade, a tuberculose, a terrivel "peste branca", é a que mais fructos offerece á mortalidade infantil. Com o emprego, porém, das Colonias de Férias, Preventorios, Sanatorios, da Educação Physica e dos Banhos de Sol, os resultados são bem lucrativos, quando não são radicaes.

Sem saude, a intelligencia não medra, o corpo definha, a existencia se finda.

A Educação Sanitaria conduz o escolar a um futuro feliz.

Para uma Patria forte, uma infancia sadia e forte.





# CINE - RADIO ESCOLAR

Vae num crescendo animador o serviço acima expresso, que espelha, admiravelmente, o avanço pedagogico do Espirito Santo.

Dirige-o o prof. Luiz Edmundo Malizek, inspector regional do Ensino e tecnico de esclarecida e comprovada competencia na missão que lhe confiou o operoso e clarividente Governo do Espirito Santo.

A 12 de março corrente, a direcção do Serviço de Educação pelo Radio e Cinema Escolares recebeu a honrosa visita do exmo. sr. capitão João Punaro Bley. Sua excia. que tem pautado o seu Governo com esculpulosa honestidade e chrystalina actividade constructora, quiz constatar, de perto, o que se tem feito entre nós, nestes importantes meios auxiliares do Ensino.

O prof. Luiz Edmundo Malizek fez a projecção de varios jornaes educativos, por elle mesmo confeccionados, de factos e aspectos interessantes desta bonita e moderna Capital. Esses filmes evidenciam technica perfeita, em efeitos de luz e sombra, sendo mais nitidos e rigorosos em detalhes interessantes, do que muitos dos que temos visto projectados nas télas dos nossos cinemas.

S. excia., o sr. capitão João Punaro Bley, mostrou-se evidentemente entusiasmado com o que viu e observou, não negando os seus applausos ao esforço do prof. Luiz Malizek, a quem está confiada a elevada missão de incrementar, nas nossas escolas publicas, o radio e o cinema escolares.

Como um attestado valiosissimo da eficiencia desse Serviço, estampamos abaixo, sem mais commentarios, o telegramma do Director do Ensino do Estado do Piauhy, enviado ao Director do Departamento de Educação deste Estado:

“Director do Departamento de Educação — Espirito Santo,

Solicito a fineza de v. excia. informar, com possivel urgencia, o valor do contracto do cinema educativo desse Departamento, durante o periodo lectivo de março a outubro corrente. — Saudações — *Anizio de Brito* — Director do Departamento do Ensino.



*Grupo Escolar de Santo Antonio, arrabalde desta capital — Grupo de professoras do turno da manhã, depois de inaugurada a sopa escolar, sob a direcção da professora Rosalina Silva d e Almeida*

# 3 Revista de Educação

Publicação mensal a cargo do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural do Departamento de Educação, destinada á vulgarização de methodos e processos contemporaneos de ensino

Director: — DR. PAULINO MULLER — Secretario da Educação e Saude Publica.

Redactor-Chefe: — DR. ARNULPHO MATTOS — Director do Departamento de Educação.

Redactor-Secretario: — CLAUDIONOR RIBEIRO — Inspector tecnico do Ensino e chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural.

Redactores correspondentes, no paiz e no exterior:

*Em S. Paulo* — Prof. J. B. Damasco Penna, professor de Psychologia no Collegio Universitario da Universidade de São Paulo.

*No Rio de Janeiro* — David M. de Barros, vice-presidente da Federação de Escoteiros do Brasil.

*Em Natal* (Rio Grande do Norte) — Prof. Honorio da Costa Farias, do Departamento de Educação.

*Na Capital de Goyaz* — Joaquim de Carvalho Ferreira, bacharel.

*Em Aracajú* (Sergipe) — Prof. Acrisio Cruz, director do Grupo Escolar "Dr. Manoel Luiz".

*Em Campos* — Gustavo Brandão.

*Na Villa do Barracão* (Bahia) — Profa. Anna Ferreira da Silva.

*Em Juiz de Fôra* (Minas Geraes) — Geraldino de Barros, assistente tecnico regional de Ensino.

*Em Porto Alegre* (R. G. do Sul) — Maria Cibeira, do corpo docente da Escola Normal.

*Em Curitiba* (Paraná) — Gelvira Corrêa Pacheco, directora do Grupo Escolar "D. Pedro II".

*Em Santa Maria* (R. G. do Sul) — Profa. Juracy Martins, directora do Grupo Escolar.

*Em Washington* (E. U. A.) — Heloisa Brainerd, chefe da Secção de Cooperação Intellectual da União Pan-Americana.

*Em Lisboa* (Portugal) — Dr. Alberto Pimentel Filho, professor cathedratico de Psychologia e Pedagogia da Escola do Magisterio Primario de Lisboa.

*Em Cachoeiro de Itapemirim* (Neste Estado) — Prof. José Queiroz, inspector regional do Ensino.

São nossos representantes no interior do Estado todos os directores de Grupo Escolar.

## ASSIGNATURAS:

ANNUAL . . . . .	12\$000
SEMESTRAL . . . . .	7\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$000

Não cabe á Redacção desta Revista nenhuma responsabilidade pelos conceitos emitidos por seus collaboradores em artigos devidamente assignados.

IMPRENSA OFFICIAL — VICTORIA